

Universidade de Brasília (UnB)  
Instituto de Relações Internacionais  
Programa de Graduação em Relações Internacionais

PEDRO DE SOUZA MELO

**A POLÍTICA EXTERNA QATARI E A AL JAZEERA: O CASO DAS REVOLTAS  
EGÍPCIAS**

Brasília

2015

**PEDRO DE SOUZA MELO**

**A POLÍTICA EXTERNA QATARI E A AL JAZEERA: O CASO DAS  
REVOLTAS EGÍPCIAS**

Monografia apresentada ao Instituto de  
Relações Internacionais da Universidade de  
Brasília como requisito parcial à obtenção do  
título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Vânia Carvalho Pinto

Brasília

2015

MELO, Pedro de Souza.

A Política Externa Qatari e a Al Jazeera: O Caso das Revoltas Egípcias /Pedro de Souza Melo– Brasília, 2015. 44pp.

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais – Universidade de Brasília.

Instituto de Relações Internacionais

Orientadora: Vânia Carvalho Pinto

**Palavras-chave:** 1. Oriente Médio; 2. Qatar; 3. Al Jazeera; 4. Instrumentalização da Mídia; 5. Análise Crítica de Discurso; 6. Revoltas Árabes; 7. Revoltas Egípcias



Pedro de Souza Melo

## A Política Externa Qatari e a Al Jazeera: O Caso das Revoltas Egípcias

Monografia apresentada ao Instituto de  
Relações Internacionais da Universidade de  
Brasília como requisito parcial à obtenção do  
título de Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de julho de 2015

### BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Vânia Carvalho Pinto

Instituto de Relações Internacionais

Universidade de Brasília (Orientadora)

---

Prof. Pio Penna Filho

Instituto de Relações Internacionais

Universidade de Brasília

---

Profa. Sônia Cristina Hamid

Instituto Federal de Brasília

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao Universo junto com todas as suas energias, essas com certeza foram fundamentais para eu conseguir chegar até aqui.

Agradeço à minha mãe, Regina, e ao meu pai, Marcos. O apoio que vocês me dão diariamente é uma das minhas maiores fontes de motivação. Agradeço ao meu irmão, Gabriel, por estar sempre presente quando preciso, e à minha avó, Bibiana, por sempre se preocupar com o meu bem-estar. A todos os meus familiares, agradeço a vocês pela minha formação enquanto pessoa.

Agradeço aos meus amigos de Santos, que mesmo com a distância estão juntos comigo sempre. Agradeço a todos os meus amigos de Brasília, com um carinho especial para Luiz, Vinícius, Bárbara, Ricardo, Raissa, Mariana e Victor, que dedicaram parte de seus tempos a várias de minhas inquietações.

Agradeço a todos os professores que tive até hoje pela contribuição em minha formação pessoal e acadêmica. Agradeço a todos os autores, escritores, músicos e artistas que tornaram a escrita dessa monografia mais leve e agradável. Agradeço a todos os meus instrutores de yoga, por me ensinarem, entre outras coisas, que manter um sorriso é essencial para superar qualquer desafio.

Agradeço à minha orientadora, Professora Vânia Carvalho Pinto, por sempre me manter motivado e por acreditar no meu potencial. Agradeço a todos os membros do CEOr por todas as sugestões e pelo crescimento acadêmico que vocês me proporcionaram.

## Resumo

Criada pelo governo do Qatar em 1996, a Al Jazeera se tornou ao longo dos anos um dos principais meios de comunicação do mundo, se diferenciando das mídias tradicionais por transmitir notícias com uma perspectiva árabe em relação a diversos temas. Contudo, a rede possui ainda total dependência do financiamento e da política de seu país sede, de modo que muitos pesquisadores apontam uma clara relação de instrumentalização da emissora por parte do governo qatari. Concordando com tal perspectiva, essa monografia busca analisar de que modo a influência do Qatar na Al Jazeera se refletiu nas notícias da rede durante os protestos no Egito, tomando como foco a destituição de Mubarak, em 2011, e de Morsi, em 2013. Como marco teórico, foi utilizada a Análise Crítica de Discurso, a qual permite investigar por meio da linguagem as ideologias presentes em cada notícia, aqui tratada como um discurso.

**Palavras-chave:** 1. Oriente Médio; 2. Qatar; 3. Al Jazeera; 4. Instrumentalização da Mídia; 5. Análise Crítica de Discurso; 6. Revoltas Árabes; 7. Revoltas Egípcias.

## **Abstract**

Established by the Qatari government in 1996, Al Jazeera has become over the years one of the most important world's media by distinguishing itself from traditional media due to its Arab perspective on various topics. However, the network still has total dependence on its host finance and policy, what makes many researchers point to a clear relation of instrumentalization between Qatar and Al Jazeera. Agreeing with this perspective, this thesis analyzes how the influence of Qatari government on the network was reflected in its news during the protests in Egypt, focusing in protests against Mubarak, in 2011, and Morsi, in 2013. As a theoretical framework, we used the Critical Discourse Analysis, which allows us to investigate through language ideologies present in each news, here treated as a discourse.

**Keywords:** 1. Middle East; 2. Qatar; 3. Al Jazeera; 4. Media Instrumentalization; 5. Critical Discourse Analysis; 6. Arab Uprisings; 7. Egypt Uprisings.



## Lista de Tabelas

<b>Tabela I.....</b>	<b>22</b>
----------------------	-----------

## Sumário

<i>Introdução</i> .....	1
<b>1. Análise Crítica: Notícias como Discurso</b> .....	3
<b>2. Qatar e Al Jazeera: da dependência financeira às intervenções diretas</b> .....	7
2.1. Al Jazeera: criação e funcionamento .....	7
2.2. Qatar: política externa .....	12
2.3. Qatar, Al Jazeera e Revoltas Árabes .....	15
<b>3. Os protestos no Egito: imparcialidade ou enviesamento?</b> .....	17
3.1. Análise de Conteúdo .....	17
3.1.1. Seletividade Lexical.....	17
3.1.2. Estratégia de rotulação .....	22
3.1.3. Estrutura das sentenças .....	23
<b>Conclusão</b> .....	26
<b>Referências bibliográficas</b> .....	28

## **Introdução**

Primeira rede de notícias 24 horas estabelecida no Oriente Médio, a Al Jazeera ganhou notoriedade mundial por se projetar como uma alternativa aos meios de comunicação ocidentais e apresentar uma perspectiva árabe em relação a diversos temas (KHATIB, 2013, p. 426). Apesar de localizada no Qatar, Estado cujo governo é também o principal financiador da emissora, a Al Jazeera sempre se declarou como independente da política de seu país sede, transmitindo conseqüentemente notícias com conteúdo bastante plural e por vezes polêmico (TOUZANI, 2010). Dessa forma, já fizeram parte de sua programação eventos como os primeiros pronunciamentos de Osama Bin Laden pós-11/09 (KHATIB, 2013, p.426) e entrevistas com membros do governo israelense, além de outros casos controversos (KESSLER, 2012, p.51). Contudo, mesmo com suas declarações de autonomia, a relação da Al Jazeera com o governo qatari sempre foi muito questionada, já que a rede é totalmente dependente tanto do financiamento quanto da política de seu país sede (KESSLER, 2012).

Por esses motivos, há um consenso entre diversos pesquisadores de que a Al Jazeera é instrumentalizada pelo Qatar, de modo que esse país utilizaria da influência internacional da rede como ferramenta direta de sua política externa (DA LAGE, 2005; TOUZANI, 2010; KESSER, 2012; KHATIB, 2013; LO, FRKOVICH, 2013; SAMUEL-AZRAN, 2013). Assim, autores como Robert Da Lage (2005), Kessler (2012) e Lina Khatib (2013) deixam claro o papel da Al Jazeera enquanto parte da diplomacia qatari, de forma que a o país teria total controle sobre o conteúdo da emissora e a manipularia a fim de disseminar seus interesses a todo o meio internacional. Nesse mesmo sentido, em análises quantitativas em relação ao conteúdo da rede tanto Mbaye Lo e Andi Frkovich (2013) quanto Tal Samuel-Azran (2013) encontraram evidências semelhantes, comprovando que a Al Jazeera possui um alinhamento de fato com a política interna e externa do Qatar. Diversos autores ressaltam ainda que essa instrumentalização se acentuou com a cobertura das Revoltas Árabes pela rede, já que essa teria adotado um posicionamento bastante controverso e em total consonância com os interesses qataris (SAMUEL-AZRAN, 2013).

Além disso, durante o período mencionado houve uma intervenção direta do Qatar na Al Jazeera, cerceando ainda mais a suposta autonomia da rede (SAMUEL-AZRAN, 2013). Nesse sentido, o maior símbolo dessas interferências foi a substituição em 2011 do diretor-

geral da Al Jazeera - Wadah Khanfar<sup>1</sup> - por um membro da família real do Qatar, deixando clarividente a influência do governo daquele país na emissora (HUWEDI, 2013). Outro evento bastante polêmico ocorrido durante as revoltas árabes foi a demissão em massa de 22 funcionários da Al Jazeera devido a insatisfações com o conteúdo publicado pela rede (CHASMAR, 2013). Dentre os demitidos estava um dos principais âncoras da Al Jazeera, o qual acusou publicamente a emissora de transmitir mentiras durante as revoltas árabes (SHARAF, 2013).

O controle que o governo qatari possui sobre o funcionamento da Al Jazeera se torna então evidente, de modo que o objetivo dessa pesquisa é analisar como essa influência se refletiu no conteúdo da rede durante os protestos no Egito. Por conseguinte, formula-se a seguinte pergunta de pesquisa: como a capacidade de influência do Qatar na Al Jazeera se refletiu no conteúdo das notícias da rede durante os protestos no Egito? No que tange à validade desta pesquisa, ressalta-se que a Al Jazeera é uma das maiores redes de comunicação do mundo e possui uma grande capacidade de influência perante o seu público. Assim, um estudo em relação a este importante ator internacional agrega um significativo conhecimento ao campo das Relações Internacionais.

Como hipótese para a pesquisa, coloca-se que a Al Jazeera produziria notícias com um conteúdo enviesado quando o tema em questão estivesse dentro da esfera de interesse de seu país sede. Em outras palavras, devido à instrumentalização da Al Jazeera pelo do governo qatari, essa adotaria uma perspectiva positiva ao retratar grupos favoráveis ao seu país sede. Por conseguinte, essa situação se inverteria ao caracterizar indivíduos contrários ao governo do Qatar. Com isso, esse país utilizaria a rede para manipular as informações e difundir mundialmente opiniões favoráveis aos seus aliados e desfavoráveis aos seus inimigos. No entanto, é importante ressaltar que a Al Jazeera depende também de certa validade perante o seu público para que as informações veiculadas sejam aceitas, de modo que a rede adotaria em menores proporções um conteúdo com posições neutras e imparciais.

Para investigar essa suposta parcialidade da Al Jazeera, será realizada nessa monografia uma análise do discurso das notícias publicadas pelo site da Al Jazeera English no que tange a dois eventos ligados aos protestos no Egito: a deposição de Mubarak, em 2011, e a de Morsi, em 2013. Por meio dessa, busca-se encontrar de que modo o conteúdo das

---

<sup>1</sup> Khanfar já foi considerado uma das 100 pessoas mais influentes do mundo pela revista estadunidense Time e deixou a rede sem nenhuma explicação clara (HUWEDI, 2011).

notícias da rede convergiu aos interesses qataris, respondendo conseqüentemente à pergunta de pesquisa. Os casos mencionados foram escolhidos por dois principais motivos: ambos foram centrais às revoltas árabes iniciadas em 2010; e os dois estavam dentro da esfera de interesse do Qatar devido a presença de atores como a Irmandade Muçulmana, algo que será mais bem explorado ao longo da pesquisa.

Como marco teórico, será utilizada a Análise Crítica de Discurso (ACD). Essa metodologia, elaborada inicialmente por Norman Fairclough (2003), permite revelar as ideologias e intenções escondidas em um discurso. Adaptado ainda ao estudo das mídias árabes por El Mustapha Lahlali (2011), esse marco teórico permite a análise das notícias da Al Jazeera, já que essas podem ser tratadas como um discurso. Nesse sentido, justifica-se essa monografia como um seguimento à metodologia elaborada por Fairclough (2003) e Lahlali (2011), a fim de analisar como as notícias da Al Jazeera refletiram os interesses de política externa do Qatar durante os protestos no Egito.

Assim, a estrutura dessa monografia está organizada em três seções, além da introdução e conclusão. A primeira abordará o marco teórico da ACD, desenvolvendo a metodologia elaborada por Fairclough (2003) e Lahlali (2011) e explicitando como essa se relaciona com os fins da presente pesquisa. A segunda seção consiste em uma análise quanto à relação entre o Qatar e a Al Jazeera, realizando para isso uma investigação tanto sobre o funcionamento da rede como também dos objetivos de política externa daquele país. Ademais, dar-se-á ainda nessa seção um enfoque no período das revoltas árabes, quando a influência do Qatar na Al Jazeera se tornou mais evidente e a rede sofreu interferências diretas do governo de seu país sede. Busca-se desta forma analisar a conjuntura em que os atores em questão estão inseridos, algo fundamental para a compreensão dos motivos do Qatar em utilizar a Al Jazeera como um instrumento de sua política externa. A terceira seção, por sua vez, consistirá em uma breve explicação quanto aos protestos no Egito seguida da análise de conteúdo das notícias da Al Jazeera em relação aos eventos supramencionados por meio da ACD. Visa-se com isso a encontrar de que modo a influência do Qatar na Al Jazeera se refletiu no conteúdo das notícias publicadas pela rede no período.

## **1. Análise Crítica: Notícias como Discurso**

Elaborada na década de 1980 por linguistas como Fairclough e Wodak, a Análise Crítica de Discurso tem suas bases fundamentadas no pensamento crítico de Foucault,

Habermas e Bourdieu (LAHLALI, 2011, p. 121). Assim, por meio da ACD é possível realizar uma abordagem interdisciplinar quanto ao estudo do discurso, que tem como ponto central a linguagem (FAIRCLOUGH, 2003). Por estar totalmente ligada a diversos aspectos da estrutura social, a linguagem pode revelar não somente temas centrais do discurso, mas também a perspectiva que o texto<sup>2</sup> representa (FAIRCLOUGH, 2003, p. 129). Por conseguinte, uma análise de discurso permite explorar a relação muitas vezes oculta de causalidade entre a produção textual e as estruturas socioculturais que a influenciam (FAIRCLOUGH, 2003, p.9; LAHLALI, 2011, p.121). É importante ressaltar ainda que a interpretação da linguagem é um processo bastante complexo, sendo essencial examinar não só o que está escrito em determinado texto, mas também o que está ausente nesse. (FAIRCLOUGH, 2003; LAHLALI, 2011).

No que tange a uma suposta falta de objetividade da ACD, Fairclough (2003) contorna essa possível crítica afirmando que qualquer análise social parte de pressupostos particulares para sua formulação, de modo que toda a produção de conhecimento carrega em parte certa subjetividade (FAIRCLOUGH, 2003, p.14). Fairclough (2003) reitera ainda que a ACD se destaca principalmente por seu caráter crítico e focado em um contexto específico; desta forma, ao analisar determinado texto, deve-se ter conhecimento da conjuntura em que este foi produzido e as consequências que pode provocar (FAIRCLOUGH, 2003, p.14). Além disso, a metodologia de Fairclough ganha força perante aos demais métodos de análise de discurso devido ao seu maior rigor interpretativo, garantindo-lhe portanto uma maior legitimidade (LAHLALI, 2012). Utilizando por fim a premissa de que a análise da linguagem empregada em um discurso pode evidenciar as intenções escondidas em sua elaboração, Fairclough (2003) afirma que é possível utilizar a ACD para analisar até mesmo textos midiáticos (FAIRCLOUGH, 2003).

Tendo isso em vista, Lahlali (2011) adaptou o quadro teórico de Fairclough para analisar o conteúdo de mídias árabes como a Al Jazeera, a Al Arabiya e a Al Hurra durante o conflito entre Israel e Líbano (2006). Nesse sentido, em seu livro *Contemporary Arab Broadcast Media*, Lahlali (2011) investigou de que modo a linguagem empregada por estas redes refletiu suas respectivas perspectivas em relação ao imbróglgio. Em sua conclusão, o autor chegou ao resultado esperado: cada rede adotou tipos de linguagem e construções gramaticais bastante ligadas às suas ideologias, comprovando de tal maneira que nenhuma

---

<sup>2</sup> Conforme proposto por Fairclough (2003) e Lahlali (2011), as palavras ‘discurso’ e ‘texto’ serão utilizadas aqui como sinônimos.

destas realizou uma cobertura imparcial do conflito mencionado (LAHLALI, 2011, p. 153). Assim, pelo fato de o estudo de Lahlali (2011) ter objetivos semelhantes aos dessa pesquisa e estar diretamente ligado ao quadro teórico elaborado por Fairclough (2003), será dada continuidade à metodologia desse autor para analisar o conteúdo da Al Jazeera no que tange às quedas de Mubarak e Morsi no Egito.

Por conseguinte, em sua investigação quanto à produção de discursos por meios de comunicação, Lahlali (2011) afirma que todo texto jornalístico é confeccionado por meio de um esforço coletivo de jornalistas, editores e técnicos. Consequentemente, ao passar por todo um encadeamento de profissionais, o texto final (e.g., notícia, análise, documentário) de toda mídia adquire a ideologia da organização pela qual foi escrito (LAHLALI, 2011, p.122). Em vistas disto, apesar de diversas redes se declararem imparciais, há sempre valores tácitos em todos os discursos produzidos por estas (LAHLALI, 2011, p.123). A ACD, então, quando aplicada à mídia, pode revelar as motivações políticas, sociais, culturais e ideológicas por trás da produção de seus respectivos conteúdos (FAIRCLOUGH, 2003; LAHLALI, 2011).

Em sua metodologia para a ACD, Lahlali (2011) coloca então três pontos focais para a análise: a seletividade lexical; a estratégia de rotulação; e a estrutura das sentenças (LAHLALI, 2011). No que tange ao primeiro, este parte do princípio de que o léxico possui ampla implicação no que tange à sua leitura, de modo que palavras diferentes podem gerar sentimentos distintos no consumidor do discurso (LAHLALI, 2011). Assim, segundo Fairclough (2003, pp. 171-2), enquanto uma seleção lexical pode caracterizar positivamente determinado indivíduo, outra pode fazê-lo de modo neutro, ou até mesmo negativo. Como exemplo, colocam-se estas três frases: o soldado covarde foi à guerra; o soldado foi à guerra; o soldado corajoso foi à guerra. Nestas, a depender da característica (léxico) empregada, muda-se a interpretação que se tem do sujeito. Ademais, a intensidade do léxico utilizado pode também alterar a compreensão de quem consome o discurso: o livro é bom; o livro é ótimo; o livro é fantástico. Conclui-se assim que seletividade lexical reflete diretamente as opiniões, valores e crenças de determinado texto, sendo a análise das palavras empregadas em um discurso essencial para entender a ideologia por trás deste (FAIRCLOUGH, 2003; LAHLALI, 2011).

O fenômeno analisado anteriormente dá origem ao segundo ponto proposto por Lahlali (2011), o qual envolve a estereotipização de determinada pessoa, grupo ou até mesmo cultura pelos meios de comunicação. Desta forma, aquele que produz o discurso caracteriza muitas

vezes de modo limitado um indivíduo / sociedade visando a diminuí-lo e reduzir sua importância no assunto tratado (FAIRCLOUGH, 2003; LAHLALI, 2011). Para exemplificar os efeitos da estratégia de rotulação em um texto, tanto Lahlali (2011) quanto Fairclough (2003) utilizam a discrepância existente entre os termos “extremista” e “religioso” ao descrever uma mesma pessoa. Enquanto a primeira palavra caracteriza negativamente determinado indivíduo, a segunda possui um tom mais neutro - gerando novamente interpretações distintas (FAIRCLOUGH, 2003; LAHLALI, 2011).

Em seu último ponto, Lahlali (2011) afirma que a linguagem não é composta apenas de léxico, ressaltando a importância de se analisar de que modo determinadas ações são representadas em um texto. Assim, tanto a utilização da voz passiva ou ativa para descrever um evento quanto o uso de verbos modais e derivações para caracterizar uma fala pode alterar a interpretação que se tem de um discurso (FAIRCLOUGH, 2003; LAHLALI, 2011). Examinar a estrutura de uma sentença é então parte integrante da ACD, uma vez que a forma como a gramática é empregada está ligada às ideologias e intenções por trás de um discurso (FAIRCLOUGH, 2003; LAHLALI, 2011). Complementando seu método de análise, Lahlali (2011) faz referência também à obra de Jusiæ (2009), que menciona quatro estratégias de representação que são utilizadas pelos meios de comunicação em situações de conflito: invenção de vítimas; fabricação de inimigos; historicização; e silenciamento das partes (JUSIAE, 2009, apud LAHLALI, 2011, p.135).

Percebe-se portanto que o marco teórico da ACD vai em total consonância com os objetivos desta pesquisa, já que por meio deste é possível chegar às intenções dos discursos da Al Jazeera e investigar por conseguinte sua conformidade com os interesses qataris. Em outras palavras, ao analisar as notícias da rede sobre as deposições de Mubarak e Morsi poder-se-á encontrar se houve ou não um alinhamento destas com a política externa de seu país sede. Em caso positivo, corrobora-se a hipótese de que a influência do Qatar na Al Jazeera se reflete diretamente no conteúdo das notícias da rede, revelando consequentemente a instrumentalização desta como forma de difundir os interesses qataris por todo o mundo. Caso contrário, a hipótese desta pesquisa será descartada e se admitirá a imparcialidade da Al Jazeera mesmo com todo o poder do Qatar frente à rede.



## 2. Qatar e Al Jazeera: da dependência financeira às intervenções diretas

### 2.1. Al Jazeera: criação e funcionamento

A Al Jazeera foi criada em 1996 a partir de um investimento de mais de 140 milhões de dólares realizado pelo então Emir qatari Hamad bin Khalifa Al Thani, o qual visava a prover o Oriente Médio de uma rede de comunicação livre e com uma perspectiva árabe em relação a temas regionais e internacionais (SAMUEL-AZRAN, 2013, p. 1297). Para isso, Hamad bin Khalifa buscou desde o início diferenciar a Al Jazeera dos demais meios de comunicação de sua região, os quais eram ou meros porta-vozes de seus governos ou possuíam um viés totalmente ocidental (SAMUEL-AZRAN, 2013, p. 1297). Dessa forma, foi garantida à rede liberdade de imprensa e autonomia para abordar quaisquer assuntos (DA LAGE, 2005; LAMBERT, 2011; KHATIB, 2013). Ademais, os grandes investimentos realizados na Al Jazeera permitiram a compra de equipamentos de alta tecnologia e a contratação de funcionários com grande experiência, algo que conferiu uma grande qualidade técnica à rede (EL OIFI, 2005, p.67; EL NAWAWY; POWERS, 2010, p. 27). Com a missão ainda de englobar todos os países árabes como público, a Al Jazeera<sup>3</sup> adotou como idioma oficial o *fusha*, considerado a língua padrão árabe, e o fuso horário de Meca (LO; FRKOVICH, 2013, p.391).

Por meio de todas essas estratégias, a Al Jazeera se tornou logo em seus primeiros anos de operação um dos meios de comunicação com mais audiência em diversos países do Oriente Médio e Norte da África (DA LAGE, 2005; SAMUEL-AZRAN, 2013). Grande parte da população árabe se sentiu atraída pelo conteúdo bastante plural e de alta qualidade da rede, que passou a abordar ainda temas antes ignorados por maior parte da mídia (LAHLALI, 2013, p.80; TOUZANI, 2010, p. 255). Em sua programação, a Al Jazeera transmite críticas a governos autoritários, denúncias a violações aos direitos humanos, coberturas de protestos nacionais, entre outros eventos antes ignorados pelo *mainstream* da mídia (DA LAGE, 2005, p. 55). O slogan da emissora, “A Opinião e a Outra Opinião” remete a outro diferencial da Al Jazeera: o fato de que todas as pessoas teriam direito à voz no canal, independente de sua ideologia (EL-NAWAWY; POWERS, 2010 p. 28; KESSLER, 2012, p; 51).

Assim, Al Jazeera começou a dar uma visibilidade inédita a diversos grupos marginalizados em toda a região, sendo entrevistados pela emissora terroristas, líderes

---

<sup>3</sup>Também o nome da Al Jazeera - em português, A Península - faz alusão à Península Arábica, buscando com isto incorporar todos os países daquela região (ZAYANI, 2005, p.2).

seculares, civis israelenses, minorias étnicas, etc. (DA LAGE, 2005, p. 55). Os programas de debate da Al Jazeera também são responsáveis por uma grande parte da popularidade da rede. O principal desses, *The Opposite Direction*<sup>4</sup>, coloca frente a frente convidados que divergem muito de opinião, como dissidentes políticos libaneses e membros do governo daquele país, clérigos conservadores e mulheres defensoras do divórcio, entre outros, os quais debatem à exaustão (LAHLALI, 2011, p.86). Outro programa que merece destaque é o *Shariah and Life*, que traz o conceituado teólogo islâmico Yusuf al-Qaradawi<sup>5</sup> para discutir a relação entre a lei islâmica e o mundo contemporâneo (LAHLALI, 2011; KESSLER, 2012).

Além disto, a cobertura da Al Jazeera sobre diversas agitações no Oriente Médio fez com que a rede recebesse maior atenção internacional. Por possuir a única emissora com escritórios em quase todos os países daquela região, a Al Jazeera teve acesso exclusivo a vários locais em conflito, como no caso do bombardeio estadunidense ao Iraque na Operação Fox Desert, a destruição dos Budas de Bamiyan pelo Talibã e a Segunda Intifada (BESSAIO, 2005, p. 164; ZAYANI, 2005b, p.178). Com efeito, a Al Jazeera passou a ser aclamada até mesmo por especialistas ocidentais em seus anos iniciais, de modo que esses afirmavam inclusive que a rede poderia ser um mecanismo de democratização no Oriente Médio (LAHLAI, 2011; SAMUEL-AZRAN, 2013).

No entanto, a aceitação da Al Jazeera frente ao meio internacional logo foi posta em xeque devido a cobertura da rede sobre a invasão dos Estados Unidos no Afeganistão (ZAYANI, 2005a; DA LAGE, 2005; EL-NAWAWY; POWERS, 2010). Adotando uma perspectiva bastante controversa sobre o conflito, a Al Jazeera denunciou os abusos estadunidenses à população daquele país, a morte indiscriminada de civis e até mesmo a tortura de inocentes, algo que afetou diretamente a popularidade dos Estados Unidos na região. Ademais, em sua programação a rede deu espaço a representantes de grupos terroristas, de modo que a Al Jazeera passou a ser acusada de apoiar e disseminar o fundamentalismo islâmico entre os seus espectadores (KESSLER, 2012). Nesse sentido, a transmissão dos vídeos filmados por Osama bin Laden afetou diretamente os interesses de Estados Unidos e Europa, já que nesses o líder terrorista convocava toda a ‘sociedade islâmica’ a uma guerra contra o ocidente (BESSASISO, p.154, 2005).

---

<sup>4</sup> Entre suas inúmeras polêmicas, já foi realizada no programa uma enquete ao vivo com a questão “Seria o Sionismo pior que o Nazismo?”, na qual o Sim ganhou por 85% (KESSLER, 2012, p. 54)

<sup>5</sup> Al-Qaradawi é considerado o mentor religioso da Irmandade Muçulmana e critica constantemente os Estados Unidos, os islâmicos xiitas e os judeus, dando declarações ao vivo como “Ó Alá, leve estes judeus sionistas opressores. Ó Alá, não salve nem um deles. Ó Alá, conte quantos eles são e os mate, mate até o último.” (KESSLER, 2012, p. 54, tradução nossa).

Visando então a impedir que a rede continuasse com uma transmissão crítica aos Estados Unidos, membros do governo daquele país como Colin Powell e Condoleezza Rice<sup>6</sup> se reuniram por diversas vezes com o Emir do Qatar a fim de silenciar a Al Jazeera (BESSAISO, 2005, p.154). O líder, no entanto, negou qualquer possibilidade de intervenção na emissora, alegando que essa seria independente e fora de sua esfera de controle (SAMUEL-AZRAN, 2013). Contudo, pouco tempo depois a rede se comprometeu a compartilhar os vídeos de bin Laden com o governo dos Estados Unidos 48 horas antes de exibi-los, revelando com isso certa flexibilização de sua autonomia (EL-NAWAWY; POWERS, 2010). Apesar disso, a Al Jazeera a continuou a ser considerada como inimiga de guerra por militares estadunidenses, de forma que no dia 28 de novembro de 2001 a emissora teve seu escritório de Cabul bombardeado por forças daquele país (ZAYANI, 2005a, p.24). Isso não impediu, contudo, que a rede continuasse a cobrir a Guerra, sendo que a Al Jazeera adotou um tom ainda mais crítico em relação à potência ocidental, a qual foi acusada de impedir o direito à liberdade de expressão dos povos árabes (ZAYANI, 2005; BESSAISO, 2005).

Apesar de ter sua credibilidade questionada, essa conjuntura rendeu uma fama ainda maior à emissora, que começou a ter sua audiência composta não apenas por árabes, mas também por um público ocidental interessado em questões do Oriente Médio (KHATIB, 2013). Percebendo essa nova demanda, a Al Jazeera lançou em 2003 um site em inglês para a rede, expandindo significativamente o seu alcance (LAHLALI, 2011). Assim, quando eclodiu a Guerra do Iraque naquele mesmo ano, a Al Jazeera pôde disseminar suas notícias internacionalmente, mantendo sempre a perspectiva árabe do conflito e adotando um tom crítico em relação aos Estados Unidos (LAHLALI, 2011). Ademais, como a rede tinha acesso direto à população iraquiana, a Al Jazeera praticamente monopolizou as informações do período, sendo que até mesmo as mídias ocidentais dependiam da emissora para produzir suas notícias (TOUZANI, 2010). Impulsionado ainda pelo sucesso do site em inglês da rede, em 2006 o governo qatari realizou um investimento inicial de um bilhão de dólares para expandir ainda mais as operações da Al Jazeera (EL-NAWAWY; POWERS, 2010, p.32). Nesse sentido, no dia 15 de novembro daquele mesmo ano foram iniciadas as transmissões da Al Jazeera English, uma nova emissora via satélite com conteúdo totalmente em inglês e de alcance internacional (EL-NAWAWY; POWERS, 2010, p.32).

---

<sup>6</sup> Ambos foram Secretários de Estado dos Estados Unidos durante o governo de George W. Bush. Assim, o primeiro ocupou o cargo entre 2001 e 2005 e a segunda entre 2005 e 2009.

Nesse novo canal a rede manteve o *slogan* de “A Opinião e a Outra Opinião” para abordar principalmente temas ignorados pela maior parte da mídia ocidental, expandindo a sua missão de dar voz a pessoas e grupos antes silenciados (EL-AWAWY; POWERS, 2010, p. 31; LAHLALI, 2011, p.59). Dessa forma, a Al Jazeera English adotou uma perspectiva do chamado Sul Global<sup>7</sup> para incluir em sua programação a pobreza nos Estados Unidos, a violência nas favelas brasileiras, o descaso com minorias étnicas em Myanmar, entre outros temas (EL-NAWAWY; POWERS, 2010; LAHLALI, 2011). Ademais, constatou-se que a Al Jazeera English produzia notícias com um tom mais balanceado e menos agressivo que a sua versão em árabe, usando um discurso de objetividade jornalística para se distanciar da Al Jazeera Arabia (LAHLALI, 2011, p. 60). Outra estratégia utilizada pela emissora a fim gerar uma maior empatia com o público ocidental foi a contratação de nomes conhecidos na Europa e Estados Unidos, como David Frost, David Marsh e Riz Khan (LAHLALI, 2011, p. 59).

No entanto, todos os esforços para dissociar a imagem da rede da de seu país sede não foram suficientes, de modo a Al Jazeera não deixou de sofrer críticas tanto de governos como de especialistas ocidentais. Assim, muitos desses continuaram afirmando que a emissora produz um conteúdo enviesado e com uma intenção clara: servir aos interesses do governo qatari (EL-NAWAWY; POWERS, 2010; LAHLALI, 2011; SAMUEL-AZLAN; 2013). Desta forma, a Al Jazeera foi questionada principalmente por sua abordagem controversa do conflito entre Israel e Gaza nos anos de 2008-09 (EL-NAWAWY; POWERS, 2010; KESSLER, 2012, p.2). Nesse, a rede utilizou o argumento de estar exercendo sua liberdade de expressão para transmitir imagens ao vivo de palestinos sendo assassinados, algo que denegriu internacionalmente a imagem de Israel. Devido então a esse discurso pró-árabe<sup>8</sup> tanto em sua versão em inglês quanto em *fusha*, a rede foi acusada de antissemitismo e de ligações com o grupo terrorista Hamas, o qual tem relações próximas com o governo do Qatar (KESSLER, 2012, p.4).

Em sua esfera regional, a Al Jazeera enfrenta igual resistência de diversos governos devido a acusações de que suas publicações promoveriam a instabilidade no Oriente Médio (DA LAGE, 2005; LAHLALI, 2011; KESSLER, 2012; SAMUEL-AZLAN, 2013). Como

---

<sup>7</sup>Este conceito não se remete ao Sul geográfico, e sim a pessoas excluídas e marginalizadas. Neste sentido, Ibrahim Helal, gerente da emissora, explicou que: “O Sul aqui não está ligado à geografia. É simbólico. É um tipo de vida, já que no ocidente também existe vários Sul. Na Grã-Bretanha existe Sul. Na Europa existe Sul. O Sul denota pessoas silenciadas em geral”. (EL-NAWAWY; POWERS, 2010, p.31, tradução do autor).

<sup>8</sup> Em uma análise de conteúdo realizada por Lahlali (2011), constatou-se que a rede substituiu o termo *terroristas* - utilizado pela mídia ocidental em geral - pela palavra *guerrilheiros* ao se referir aos combatentes palestinos. Tal fato seria uma prova de que a Al Jazeera English manteve uma perspectiva própria do conflito, algo que desagradou principalmente os israelenses.

consequência, a Al Jazeera teve seus escritórios fechados em vários Estados, como na Argélia, Egito e Líbano (EL-NAWAWY; POWERS, 2010, p.28). Nesse último caso, depois de um dissidente político libanês ter sido entrevistado pelo programa *The Opposite Direction*, o governo país se enfureceu com a rede e fechou o seu estúdio em Beirute (KHATIB, 2013; SAMUEL). O fato de a Al Jazeera ter em sua programação apresentadores ligados à Irmandade Muçulmana e ao Hamas<sup>9</sup> gera ainda um grande incômodo para países como Síria, Egito e Israel, que classificam estas organizações como terroristas (KESSLER, 2013, p.52). Ademais, a relação bastante próxima da rede com o governo de seu país sede é uma fonte de crítica constante de muitos líderes regionais, que afirmam a rede serve diretamente aos interesses qataris em sua programação (DA LAGE, 2005; KHATIB, 2013, EL-NAWAWY; POWERS, 2010; SAMUEL-AZRAN, 2013, p.1295).

Por conseguinte, grande parte do descontentamento internacional em relação à Al Jazeera se reflete diretamente no Qatar, que já recebeu mais de 450 reclamações formais de diversos países devido ao comportamento da rede. (EL-NAWAWY; POWERS, 2010) Tendo isso em vista, Hamad bin Khalifa teria afirmado por diversas vezes que a Al Jazeera seria um grande incômodo para o seu país, já que por causa da rede o Qatar teria feito inimigos tanto no Oriente Médio como em todo o mundo (DA LAGE, 2005; EL OIFI, 2005; SAMUEL-AZRAN, 2013; KHATIB, 2013). Além disso, a Al Jazeera representa também um grande custo econômico para seu país sede, já que muitos governos promoveram um boicote à emissora e impediram que empresas regionais anunciassem seus produtos no canal (ZAYANI, 2005a, p.15). Como consequência, Al Jazeera Media Network, empresa criada para abrigar todos os ramos da rede<sup>10</sup>, possui até hoje uma grande dependência financeira do Qatar para a produção de seus conteúdos escritos e televisivos<sup>11</sup> (ZAYANI, 2005a, p.15; SAMUEL-AZRAN, 2013, p.1297).

Contudo, ao considerar a Al Jazeera como parte integrante da estratégia de política externa qatari, percebe-se que os ganhos do país em ter influência em uma das maiores redes

---

<sup>9</sup> O então diretor-geral da Al Jazeera em 2005, Wadah- Khanfar, foi acusado por diversas fontes de possuir ligações com a Irmandade Muçulmana e o Hamas (KESSLER, 2012, p. 2012). Ademais, o apresentador do programa *Shariah and Lie*, Yusuf al-Qaradawi, é considerado um dos mentores religiosos da Irmandade Muçulmana, tendo recebido diversos convites para assumir um papel de comando naquela organização (LAHLALI, 2011).

<sup>10</sup> A empresa Al Jazeera Media Network foi criada em com a intenção de abrigar os vários canais de notícias, de educação e de produção audiovisual da emissora.

<sup>11</sup> Sharp (2003) calculou que em 2001 a rede conseguia apenas de 35 a 40% de sua receita por meio de anúncios, de modo que a outra fatia era financiada pelo governo do Qatar.

de informação do mundo <sup>12</sup>são imensuráveis (FIGENSCHOU, 2014). Desta forma, a utilização da Al Jazeera como forma de difundir seus interesses para todo o mundo faz com que o Qatar tenha uma ferramenta diplomática única (SAMUEL-AZRAN, 2013). Portanto, a fim de melhor entender essa relação entre o Qatar e a Al Jazeera, será realizada na subseção seguinte uma análise quanto à política externa qatari e de que forma a rede se insere naquela.

## 2.2. *Qatar: política externa*

Localizado em uma pequena península do Golfo Pérsico, o Qatar é reconhecido como Estado independente desde 1971, quando deixou de ser um protetorado britânico para se tornar um dos menores países do Oriente Médio<sup>13</sup> (RATHMELL; SCHULZE, 2000, p. 52). Sua população, também bastante reduzida, é de aproximadamente dois milhões de pessoas<sup>14</sup> (BLANCHARD, 2014, p.2). Apesar de não possuir uma grande bacia petrolífera, o Qatar está situado acima da terceira maior reserva de gás natural do mundo, o que lhe permite uma situação econômica bastante próspera<sup>15</sup> (KAMRAVA, 2009, p. 405; BLANCHARD, 2014, p.11).

Como forma de governo, o Qatar apresenta um regime monárquico fundamentado em raízes islâmicas, sendo sua atual Constituição, datada de 2003, norteada pela Sharia (KAMRAVA, 2009, p.416; LAMBERT, 2011, p.94). A família real qatari - os Al Thani – está no poder desde antes da independência do país e possui sua origem traçada a partir de meados do século XIX, quando já influenciava no governo do ainda protetorado britânico (KAMRAVA, 2009, p. 403).

Como religião, grande parte dos cidadãos qataris segue o Wahabbismo, ramo do Islã derivado do movimento Sunita e classificado como conservador devido a sua interpretação ortodoxa do Corão (BASKAN; WRIGHT, 2011, p. 97). Isso não impede, contudo, que o Qatar possua um sistema político mais liberal que a maioria de seus vizinhos, de modo que o país vem passando por uma série de reformas progressistas nos últimos anos (BAHRY, 1999, p. 118; RATHMELL; SCHULZE, 2000, p. 51; LAMBERT, 2011, p. 90). Todos estes fatores proporcionaram então uma grande estabilidade doméstica ao Qatar, permitindo que o país se

---

<sup>12</sup> A Al Jazeera possui alcance em 240 milhões de domicílios em mais de 140 países, segundo informações oficiais.

<sup>13</sup> O território do Qatar é de aproximadamente 11.500 km<sup>2</sup>

<sup>14</sup> - Apenas 12% da população qatari é cidadã de fato do país; a outra parcela é composta por imigrantes bengalis, paquistaneses, indianos, entre outras partes do mundo (BLANCHARD, 2014, p.3).

<sup>15</sup> O Qatar possui o terceiro maior PIB per capita do mundo, com US\$94.743 por habitante (BLANCHARD, 2014, p.2).

foque em uma de suas maiores fraquezas: a grande fragilidade existente frente ao seu sistema regional (KHATIB, 2013; DA LAGE, 2014; BLANCHARD, 2014).

Pelo fato de o Qatar possuir um território pequeno e estar localizado em uma região marcada por instabilidades políticas, a segurança internacional sempre foi um ponto focal da agenda do governo qatari (ROBERTS, 2012; KHATIB, 2013; DA LAGE, 2014). Nesse sentido, apesar de o Qatar nunca ter sido alvo de uma invasão estrangeira nem ter participado diretamente de um conflito bélico contra um Estado vizinho, o país possui tensões regionais latentes e que constroem totalmente a sua política externa (DA LAGE, 2005; KHATIB, 2013; KAMRAVA, 2014). O principal exemplo disto é a Arábia Saudita, maior potência do Golfo Pérsico e que constantemente boicota as ações do Qatar a fim de manter o seu posto de liderança frente aos países árabes (DA LAGE, 2005; KHATIB, 2013). Também Israel e Irã são grandes ameaças ao Estado qatari, já que por possuírem formas de governo com raízes bastante distintas frequentemente colocam em xeque a estabilidade de todo o Oriente Médio (RABI, 2009; ROBERTS, 2012, DA LAGE, 2014).

Ademais, as ações de política externa do Qatar estão praticamente restritas ao chamado *soft power*<sup>16</sup>, já que devido ao seu pequeno território o país não pode depender apenas de sua capacidade militar como forma de defesa tradicional (PETERSON, 2006; KHATIB, 2013). Dessa maneira, a política externa qatari está baseada em dois pontos principais: em alianças estratégicas e na projeção internacional do país (PETERSON, 2006; KHATIB, 2013). No que tange ao primeiro, o Qatar busca manter boas relações com países de todo o mundo, seja por meio de organizações regionais, como o Conselho de Cooperação do Golfo (CCG)<sup>17</sup> ou bilateralmente (KAMRAVA, 2011). A principal função dessa política seria então evitar relações de inimizades que poderiam acarretar em guerras, além de garantir aliados em uma possível situação de conflito (ROBERTS, 2012).

Como exemplo dessas alianças coloca-se a relação preferencial do Qatar com os Estados Unidos, de modo que o país do Golfo foi escolhido para sediar a base militar estadunidense para o Oriente Médio, o Comando Central dos Estados Unidos (CENTCOM) (KHATIB, 2013; KAMRAVA, 2014). Conseqüentemente, por meio do CENTCOM o Qatar deixou de ser totalmente dependente de seu exército para a sua proteção, contando também

---

<sup>16</sup> Conceito cunhado por Joseph Nye, o *soft power* consiste em influenciar a ação de outros países por meios não coercivos. Ou seja, a utilização de meios como a diplomacia e a propaganda em detrimento a ameaças militares (NYE, 2004).

<sup>17</sup> O CCG é composto por Bahrein, Kuwait, Qatar, Omã, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos e foi criado com vistas a fazer frente ao Irã pós-Revolução Islâmica (1979) (QURESHI, 1982; RIAD, 1986).

com o apoio dos Estados Unidos para tanto (KHATIB, 2013; KAMRAVA, 2014). A manutenção de relações cordiais com grupos não estatais também faz parte das alianças estratégicas do Qatar, sendo que este país é bastante próximo de organizações como a Irmandade Muçulmana e o Hamas (KAMRAVA, 2011; KESSLER, 2012). Nesse sentido, ao passo que a primeira tem seus principais membros exilados no país<sup>18</sup>, a segunda possui até mesmo um escritório em Doha, demonstrando assim o forte laço do governo qatari com ambas (KHATIB, 2013; KAMRAVA, 2014).

A estratégia de projeção internacional, por sua vez, está ligada às investidas do Qatar em se demonstrar um país distinto dos demais componentes de seu sistema regional, buscando com isto receber apoio internacional<sup>19</sup> (PETERSON, 2006; ROBERTS, 2012; KHATIB, 2013). Em outras palavras, o Qatar se projetaria como um Estado livre e respeitador dos direitos humanos a fim de se diferenciar dos demais países do Oriente Médio e garantir uma maior empatia com as potências mundiais (PETERSON, 2006; ROBERTS, 2012; KAMRAVA, 2014). Assim, o fato de o governo qatari ser signatário de diversos tratados para acabar com o terrorismo, possuir empresas reconhecidas mundialmente e sediar eventos internacionais garantiria ao país um grande prestígio, dificultando portanto uma possível invasão a seu território (ROBERTS, 2012; KAMRAVA, 2014).

Tendo isso em vista, afirma-se que a Al Jazeera é parte fundamental para o funcionamento desses dois pontos, já que por meio da rede o Qatar consegue projetar sua imagem internacionalmente e também fortalecer sua política de alianças estratégicas (SAMUEL-AZRAN, 2013). Isto é, pelo fato de o Qatar ser dono e principal financiador da Al Jazeera, o país detém um grande poder de influência sobre seu funcionamento. Assim, esse é constantemente utilizado para manipular o discurso da rede e difundir os interesses do país para todo o mundo (DA LAGE, 2005; POWERS; GILBOA, 2007).

Como exemplo disso, tem-se o fato de a rede raramente abordar os problemas internos de seu país sede em suas notícias, o que gera questionamentos uma vez que a Al Jazeera possui posições críticas sobre todos os outros Estados do Oriente Médio (LAHLALI, 2011; KHATIB, 2013). Também durante o imbróglio existente entre o Qatar e Arábia Saudita a Al Jazeera refletiu diretamente os interesses de seu país sede, já que a rede adotou em suas transmissões uma visão bastante crítica em relação ao governo saudita (DA LAGE, 2005, p.

---

<sup>18</sup> Como a Irmandade Muçulmana é considerada como um grupo terrorista por diversos países, várias de seus membros fugiram para o Qatar em busca de exílio político.

<sup>19</sup> Esta estratégia está ligada ao conceito de *branding*, elaborado por Peterson (2003).



55; SAMUEL-AZRAN, 2013, p.1296). Por fim, o viés da Al Jazeera se tornou ainda mais claro durante as revoltas árabes, quando a rede adotou um posicionamento favorável a organizações como a Irmandade Muçulmana e o Hamas, o que será mais bem analisado seção seguinte (STEINBERG, 2012; LO; FRKOBICH, 2013).

### 2.3. *Qatar, Al Jazeera e Revoltas Árabes*

Os eventos desencadeados pelas revoltas árabes tiveram repercussão mundial por terem envolvido uma série de protestos em uma região com pouca tradição de manifestação popular (HADAD; SHEER; ABU-RISH, 2012, p.1). Iniciados em 2010, esses movimentos possuíram como principais pautas o fim de governos autoritários e melhores qualidades de vida a toda população árabe (ANTOON, 2012; HUDSON, 2012; KHALID, 2012; LYNCH, 2012). Contudo, em pouco tempo essas manifestações se tornaram radicais e violentas, o que desestabilizou totalmente a política nacional de diversos países e arrastou alguns desses a uma guerra civil (HUDSON, 2012, p.22).

Aproveitando-se do desequilíbrio na região, Estados mais estáveis como o Qatar passaram a apoiar - e até mesmo armar - grupos de oposição em diversos países, buscando com isso que seus aliados tomassem o poder (STEINBERG, 2012). Esse foi o caso da Líbia, em que o governo qatari agiu ativamente pela queda do regime de Muammar al-Gadafi a fim de que grupos como a Irmandade Muçulmana chegassem ao poder (KHATIB, 2013, p.423; RUSSEL, 2014, p.316). Assim, o exército qatari fez parte até mesmo da intervenção militar da OTAN realizada na Líbia, reconhecendo imediatamente o governo autônomo formado pelos rebeldes daquele país (STEINBERG, 2012, p.5).

Outro exemplo a ser citado é a Síria, em que o Qatar atuou diretamente contra o regime de Bashar al-Assad e utilizou de sua influência na Liga Árabe para expulsar Damasco daquela organização (STEINBERG, 2012; RUSSEL, 2014). Apesar de falha, o governo qatari tentou também realizar uma intervenção militar em território sírio; contudo, essa não se concretizou devido à ausência do apoio dos países ocidentais (STEINBERG, 2012, p. 7). Por fim, também no Egito o Qatar agiu novamente em prol da ascensão da Irmandade Muçulmana (KHATIB, 2013 p. 423). Nesse sentido, durante as manifestações egípcias o governo qatari foi acusado internacionalmente de conspirar contra o regime de Hosni Mubarak e financiar a campanha política de seu adversário, Mohammed Morsi (LYNCH, 2012; RUSSEL, 2014). Eleito de fato em junho de 2012, o novo presidente egípcio - ligado à Irmandade - recebeu

logo no início de seu mandato uma ajuda financeira significativa do Qatar, que recapitalizou o Banco Central do Egito (RUSSEL, 2014, p.335).

No que tange à Al Jazeera, a rede recebeu um grande destaque durante as revoltas árabes, já que passou a cobrir protestos em todos os países do Oriente Médio e Norte da África (FIGENSCHOU, 2014). Aproveitando-se novamente do fato de que possuía sua base central região, a Al Jazeera produziu à época conteúdos com uma perspectiva árabe - se diferenciando portanto das redes ocidentais como a BBC e a CNN (SAMUEL-AZRAN, 2013). Além disso, o reconhecimento da emissora em todos os países deu a seus jornalistas acesso exclusivo a várias reportagens. Por conseguinte, a Al Jazeera foi por um período a única ponte entre as informações dos protestos e a população tanto árabe quanto ocidental (FIGENSCHAU, 2014, p. 18).

Contudo, após certo tempo muitos espectadores começaram a notar um enviesamento nas transmissões da rede, gerando novamente acusações de que esta estaria agindo em prol dos interesses qataris e conspirando contra os inimigos daquele país (KESSLER, 2012). Um exemplo claro da parcialidade da emissora se deu durante os protestos na Líbia, quando o apresentador do programa *Shariah and Life*, Yusuf al-Qaradawi, clamou ao vivo por uma intervenção militar contra o regime de Gadafi e tratou os manifestantes líbios como mártires (STEINBERG, 2012, p.5). Além disso, o fato de o antigo diretor-geral da Al Jazeera ter sido substituído por um membro da família real do Qatar aumentou ainda mais essas suspeitas, já que a rede estaria perdendo sua autonomia e liberdade de imprensa (HUWEDI, 2013). Corroborando com as acusações, houve ainda a demissão em massa de 22 jornalistas da Al Jazeera por insatisfações com as transmissões da rede no período (CHASMAR, 2013). Com efeito, alguns declararam inclusive que a emissora estaria transmitindo mentiras durante as revoltas árabes, afetando ainda mais a credibilidade da Al Jazera (CHASMAR, 2013).

Assim, considera-se que há de fato uma instrumentalização da rede pelo Qatar, já que além pressionar financeiramente a Al Jazeera, o país pode também alterar o seu quadro de funcionários. Visando então a investigar de que forma essa influência se refletiu nas notícias da rede, será realizada a seguir uma análise das notícias da Al Jazeera durante o período, tomando como foco os protestos no Egito (2011 e 2013).

### **3. Os protestos no Egito: imparcialidade ou enviesamento?**

Para investigar de que modo a influência do Qatar se reflete nas publicações da Al Jazeera, será realizada a seguir uma análise do conteúdo da emissora no que tange a dois eventos que ocorreram no Egito. O primeiro é a queda do regime de Hosni Mubarak em 2011, episódio este derivado dos diversos protestos realizados na conjuntura das revoltas árabes (KHALIDI, 2012). Neste período, o Qatar ficou conhecido por apoiar grupos opositores ao então líder egípcio e estimular as manifestações naquele país (KHATIB, 2013). O segundo caso, por sua vez, remete à intervenção militar sofrida pelo então presidente Mohammed Morsi em 2013. Morsi era membro da Irmandade Muçulmana, grupo considerado como terrorista por algumas nações e aliado estratégico do Qatar (KHATIB, 2013).

Ambos os eventos foram exaustivamente cobertos pela Al Jazeera, a qual sofreu críticas no período por ter adotado uma perspectiva supostamente enviesada (FIGENSCHOU, 2014). Como os dois casos estavam totalmente ligados à esfera de interesse qatari, muitos acusaram o governo daquele país de interferir diretamente na emissora, utilizando-a para primeiramente apoiar os opositores à Mubarak e depois denegrir a imagem dos contrários ao regime de Morsi (KHATIB, 2013; FIGENSCHOU, 2014). Tendo isto em vista, será realizada a seguir uma análise de conteúdo em relação aos dois eventos, concluindo no fim se os interesses do Qatar se refletiram de fato na cobertura da Al Jazeera nos casos citados.

As notícias escolhidas para esta análise são aquelas publicadas no site da Al Jazeera English (<http://www.aljazeera.com>) entre o dia anterior e o seguinte à queda de Mubarak e Morsi (de 10/02/2011 a 12/02/2011 e 02/07/2013 a 04/07/2013, respectivamente). Para recolher as notícias, pesquisou-se o termo “Egypt” na ferramenta de busca avançada do Google, a qual permite selecionar o site e as datas específicas dos eventos supramencionados. Foram encontradas assim 22 matérias sobre a queda de Mubarak e 32 sobre a de Morsi. Pelo fato de ser um material bastante extenso, a análise consistirá em um exame geral em relação às notícias e o que está sendo investigado (i.e., seletividade lexical, estratégia de rotulação e estrutura da sentença) seguido de um estudo detalhado sobre certos trechos.

#### *3.1. Análise de Conteúdo*

##### *3.1.1. Seletividade Lexical*

As notícias publicadas pela Al Jazeera sobre o Egito entre os dias 10/02/2011 e 12/02/2011 focam exclusivamente nos protestos contra o então presidente Mubarak e em sua

respectiva destituição pelas Forças Armadas. Acompanhando grande parte do *mainstream* global, a rede adotou para o período uma perspectiva bastante otimista em relação ao evento. Desta forma, a Al Jazeera utilizou palavras majoritariamente positivas para descrever as manifestações e negativas para caracterizar Mubarak e seus apoiadores, como exemplificado:

*“Indeed the Egyptian people have started a spontaneous yet orderly series of protests that has remained peaceful and civilized, despite the constant attacks and provocations by state apparatuses.”* (MAZID, 2011).

*“Pro-democracy activists in the Egyptian capital and elsewhere had earlier marched on presidential palaces.”* (AL JAZEERA, 2011e).

*“Defiant Mubarak refuses to resign.”* (AL JAZEERA, 2011f)

Na primeira sentença, as palavras ‘espontâneo’, ‘pacífico’ e ‘civilizado’ remetem a qualidades positivas, de modo que a seleção lexical aqui está claramente favorável aos manifestantes. Por outro lado, ao descrever a ação estatal, se vê o oposto: palavras como ‘ataque’ e ‘provocações’ geram uma sensação bastante negativa a quem consome este discurso. A terceira, por sua vez, caracteriza Mubarak como ‘desafiador’, palavra esta que - no contexto exemplificado - possui um tom desfavorável ao então líder.

Ao mesmo tempo, foi veiculado no período notícias com uma perspectiva crítica em relação ao exército, revelando assim uma suspeita da emissora de que aquela instituição iria tomar o poder:

*“It looks like a military coup,” said Essam al-Erian of the Muslim Brotherhood.”* (AL JAZEERA, 2011a)

*“I think it's become pretty obvious by now that the military is not a neutral party,” Heba Morayef, a researcher with Human Rights Watch (HRW) in Cairo, told the newspaper.* (AL JAZEERA, 2011c)

Assim, a palavra “golpe” e a afirmação de que os militares não seriam um partido “neutro” ressaltam esta desconfiança da rede em relação às Forças Armadas.

Apesar das críticas ao exército, durante o período posterior à queda de Mubarak a Al Jazeera manteve seu tom de otimismo e suporte ao povo egípcio, como evidenciado pelas manchetes do período:

*“Triumph as Mubarak quits”* (AL JAZEERA, 2011g) e *“Post-Mubarak era dawns on Egypt”* (AL JAZEERA, 2011h).

Nestas, as palavras ‘trunfo’ e ‘amanhecer’ remetem a fatos totalmente positivos, mantendo assim uma perspectiva otimista em relação à queda do presidente e futuro do país. Este fato se repete também no corpo das notícias:

*“The sense of euphoria is simply indescribable,” said our correspondent at Mubarak’s Heliopolis presidential palace, where at least 10,000 pro-democracy activists had gathered.”*(AL JAZEERA, 2011h).

*“Our correspondent at the square said the “masses” of pro-democracy campaigners there appeared to have “clear resolution” and “bigger resolve” to achieve their goals than ever before.”*(AL JAZEERA, 2011e).

*“Al Jazeera’s senior political analyst pays tribute to the community organisers who made Egypt’s revolution possible.”* (BISHARA, 2011)

Nas duas primeiras, a caracterização dos manifestantes como “pró-democracia” e a utilização de palavras como “euforia” e “resolução ‘clara’ para atingir os objetivos” geram um sentimento de favorecimento à causa. Já na última, há um apoio direto de um analista da Al Jazeera à deposição de Mubarak, demonstrando assim a parcialidade da rede. Neste sentido, pode-se afirmar que a seleção lexical da Al Jazeera durante os protestos contra Mubarak foi de apoio aos manifestantes e de crítica ao então líder e aos militares egípcios. Portanto, tendo em vista o marco teórico da ACD, conclui-se que a rede possuiu uma ideologia e intenção clara com seu discurso: a queda de Mubarak.

As notícias publicadas sobre o Egito durante 02/07/2013 a 04/07/2013 também tiveram como foco exclusivo os protestos no país, desta vez contra o presidente Morsi. Contudo, ao contrário da cobertura em relação à deposição de Mubarak, a Al Jazeera adotou uma seleção lexical bastante crítica em relação aos manifestantes, como se pode analisar:

*“Security checks increased; protesters warned of impending raids by ‘thugs.’”* (AL JAZEERA, 2013l).

*“[It is] a starkly anti-democratic initiative to resolve a deepening crisis of democracy...”*(AL JAZEERA, 2013a).

*“Tamarod is widely dismissed as a fraud, and many Brotherhood supporters claim to have met people who signed the petition calling for Morsi's ouster dozens of times.”* (AL JAZEERA, 2013b)

Nestas três sentenças, há uma clara tentativa de deslegitimar os protestos contra Morsi e difamar a imagem dos opositores ao ex-presidente. Assim, a utilização da palavra ‘bandidos’ para definir os manifestantes, a caracterização do movimento como ‘claramente’ ‘antidemocrático’ e acusação de que o maior movimento de oposição à Morsi estava realizando ‘fraudes’ são provas bastante claras da ideologia por trás do discurso da Al Jazeera.

Complementarmente, a rede utilizou um léxico mais favorável sempre que se referia a Morsi e seus apoiadores, justificando constantemente a permanência deste no poder devido a sua ‘legitimidade’ e por ter sido eleito democraticamente.

*“‘Nothing should be done that would undermine democratic processes’, he said.”*(AL JAZEERA, 2013c).

*“In sum, Morsi's legitimacy is sufficient and his wrongdoing insufficient to justify his ouster prior to the expiration of his term...”*(AL JAZEERA, 2013a).

Até mesmo em declarações críticas à Morsi, a Al Jazeera mantinha um tom neutro, buscando inclusive proteger o então presidente:

*“It's not just Morsi, it's the entire political class”* (DONATH, 2013)

*“But these problems stem from decades of neglect and corruption, and would pose a daunting challenge for any Egyptian president.”* (AL JAZEERA, 2013f).

Ao afirmar que os problemas do Egito não são derivados exclusivamente de Morsi, e sim de ‘toda’ a classe política do país e que ‘qualquer presidente’ teria os mesmos desafios, a rede visa a blindar o então líder de críticas no que tange a seu governo.

Além disto, em sua cobertura do período a rede manteve o tom negativo em relação às Forças Armadas, sempre as relacionando à violência e à possibilidade de golpe militar:

*“Fears of bloodshed loom large in Egypt”* (AL JAZEERA, 2013g).

*“Prospect of deadly violence intensifies with the military poised to impose its 'road map'”* (AL JAZEERA, 2013f).

*“The army on Monday said it would intervene if a solution to the crisis was not found within 48 hours.”* (AL JAZEERA, 2013c).

Palavras como ‘medo’ ‘matança’ ‘violência’ ao caracterizar ações dos militares comprovam o ponto de vista negativo da Al Jazeera em relação às Forças Armadas. A escolha do termo ‘imposição’ ao falar sobre um plano de governo dos militares remete ainda a algo indesejável, reforçando a falta de legitimidade daquela instituição. Além disto, é possível afirmar que a rede utilizou uma das estratégias de representação propostas por Jusiaë (2009) a fim de fabricar uma imagem das Forças Armadas como uma instituição inimiga do processo democrático do país.

Quando o então presidente sofreu a intervenção militar, a AL Jazeera adotou um tom de pessimismo, revelando um claro contraste em relação à deposição de Mubarak:

*“President Morsi overthrown in Egypt.”* (AL JAZEERA, 2013j).

*“[H]ow the man who last year became Egypt’s first democratically-elected president could be ousted so ignominiously.”* (AL JAZEERA, 2013l).

A primeira sentença, manchete do site da Al Jazeera English no dia seguinte ao golpe, utiliza a palavra ‘derrubado’ para descrever a deposição de Morsi, o que gera uma sensação de falta de legitimidade do ato. A segunda frase, por sua vez, possui um léxico que remete ao fato de o ex-presidente ter sido eleito democraticamente, de modo que seu ‘desalojamento’ ‘humilhante’ teria sido um evento negativo ao Egito. Ademais, conforme afirmado anteriormente ambas as sentenças possuem um tom bastante destoante do apresentado na queda de Mubarak, que utilizava palavras como “triunfo” e “amanhecer”.

Tanto a crítica às Forças Armadas como o apoio aos membros da Irmandade Muçulmana, que tiveram o seu líder deposto e preso, também se mantiveram nas notícias do período:

*“Egypt army cracks down on Muslim Brotherhood.”* (AL JAZEERA, 2013k).

*“Egypt’s military has long been ideologically hostile to the Muslim Brotherhood.”* (AL JAZEERA, 2013d).

Nessas sentenças, foram adotadas palavras que mostram a Irmandade Muçulmana como um grupo fragilizado e que sofre constantes perseguições. Por meio desse artifício, a Al Jazeera seguiu novamente as estratégias de representação analisadas por Jusiaë (2009) no que tange à

vitimizar determinado grupo a fim de garantir uma maior empatia com este. Além disto, reforçou-se também a imagem dos militares como uma força inimiga e violenta.

Deste modo, conclui-se a seção de análise da seletividade lexical mostrando que a Al Jazeera adotou de fato um comportamento ambíguo durante as revoltas no Egito. A rede utilizou palavras com um tom positivo para caracterizar os manifestantes contrários à Mubarak; contudo, mudou seu comportamento e passou a empregar um léxico mais negativo quando estes se voltaram contra Morsi. Portanto, pode-se afirmar que a ideologia por detrás do discurso da Al Jazeera se alterou de pró-revoluções para pró-Irmandade Muçulmana. Por conseguinte, esta mudança estaria em total consonância com as posições do Qatar no período, mostrando desta forma que a influência do país na rede se refletiu diretamente nos conteúdos publicados pela Al Jazeera English.

### 3.1.2. Estratégia de rotulação

Nesta seção, serão compilados primeiramente os rótulos empregados a quatro grupos distintos durante os protestos contra Mubarak (2011) e Morsi (2013): os manifestantes contrários à Mubarak; as Forças Armadas do Egito; os manifestantes contrários à Morsi; e os apoiadores da Irmandade Muçulmana, organização religiosa a qual Morsi é membro. Em seguida, será realizada uma análise em relação ao impacto desta rotulação no discurso da Al Jazeera e como esta refletiu a ideologia da rede.

**Tabela I**

	Manifestantes contra Mubarak	Forças Armadas do Egito	Manifestantes contra Morsi	Irmandade Muçulmana
Protestos contra Mubarak (2011)	Pró-democracia; ativistas; jovens; opositores; trabalhadores; oprimidos; mártires; corajosos; pacíficos.	Violentos; golpistas; parciais.		Organizados; conservadores pró-democracia; religiosos; historicamente perseguidos.
Protestos contra Morsi (2013)		Violentos; repressores; ditadores; historicamente golpistas.	Ilegítimos; antidemocráticos; violentos; estupradores; intolerantes; oponentes.	Oprimidos; pacíficos; religiosa; historicamente perseguidos; defensores da democracia.

(Fonte: elaboração própria)



Analisando a Tabela I, percebe-se que os manifestantes contrários ao regime de Mubarak receberam rótulos como ‘jovens’, ‘trabalhadores’, ‘pacíficos’, ‘ativistas’, ‘corajosos’, entre outros. Por outro lado, os participantes dos protestos contra Morsi foram rotulados com adjetivos totalmente distintos, por exemplo: antidemocráticos, intolerantes e até mesmo estupradores. O próprio termo ‘opositores’, utilizado para definir os contrários ao regime de Mubarak, foi substituído pela palavra ‘oponentes’ ao se referir àqueles que queriam a queda de Morsi. Tendo então em vista o marco teórico da ACD proposto por Fairclough (2003) e adaptado por Lahlali (2011) para o estudo da mídia, percebe-se que a Al Jazeera adotou uma estratégia de rotulação bastante diferente nos dois casos. Como resultado, a rede visou a construir uma imagem positiva do primeiro grupo, legitimando desta forma os seus atos de protesto e suas reivindicações democráticas. Contudo, no que tange às manifestações contrárias a Morsi, a Al Jazeera buscou deslegitimar as demandas daquele grupo bem como denegrir a imagem de seus participantes por meio de associações a termos negativos.

Já em relação às Forças Armadas, estas foram duramente criticadas em ambos os momentos, sendo ligadas a adjetivos como ‘violentos’, ‘antidemocráticos’ e ‘ditadores’. A Irmandade Muçulmana, por sua vez, foi rotulada com características positivas e que ressaltavam inclusive a sua tendência ‘democrática’ e ‘pacífica’. Além disto, sempre que a Al Jazeera mencionava a raiz ‘religiosa’ e ‘conservadora’ daquela organização, era ressaltado em seguida o compromisso da Irmandade com uma agenda mais ‘liberal’ e ‘democrática’. A rotulação das Forças Armadas como ‘historicamente’ golpista e da Irmandade Muçulmana como ‘historicamente’ perseguida remete ainda à estratégia de representação de conflito proposta por Jusiaë (2009). Desta forma, a rede utilizaria a historicização do imbróglgio como forma de vitimizar a Irmandade e criar um inimigo, militares egípcios.

### *3.1.3. Estrutura das sentenças*

Na cobertura dos protestos contra Hosni Mubarak, a Al Jazeera construiu seu discurso com sentenças majoritariamente na voz ativa, podendo desta forma definir os sujeitos de determinados atos e rotulá-los conforme seus interesses. Por exemplo:

*“Thousands of factory workers stay away from work as pro-democracy protesters continue to press for Mubarak's ouster.”(AL JAZEERA, 2011b).*

*"The Egyptian military has been secretly detaining and torturing those it suspects of being involved in pro-democracy protests, according to testimony gathered by the British newspaper the Guardian." (AL JAZEERA, 2011c).*

*They say that now, following unproductive meetings between their intermediaries and Suleiman - who on Sunday said Egypt is "not ready for democracy." (AL JAZEERA, 2011d).*

Utilizando tal estrutura frasal, a rede pôde então identificar claramente os autores de cada ação e caracteriza-los com adjetivos positivos ou negativos, a depender da intenção do discurso.

Este mesmo fenômeno se repetiu durante as manifestações contrárias ao regime de Mohamed Morsi, sendo que a Al Jazeera continuou com suas sentenças predominantemente na voz ativa e utilizou a seleção lexical que mais se alinhava com suas intenções.

*"Egypt's Morsi offers consensus government". (AL JAZEERA, 2013f).*

*"Unidentified gunmen opened fire on crowds of pro-Morsi demonstrators at a night rally in the capital Cairo, killing 18 people and wounding more than 200 others, the Health Ministry said." (AL JAZEERA, 2013i).*

Por meio da voz ativa, a rede mostrou na primeira sentença a abertura de diálogo de Morsi para com seus opositores. Na segunda, utilizando o mesmo tipo de estrutura, a Al Jazeera pôde vitimizar os apoiadores do então presidente mostrando que estes foram alvos de um ataque armado. Apesar deste exemplo, a voz passiva foi utilizada para descrever a maior parte dos protestos em que houve mortes, de modo a não identificar os autores dos assassinatos nem que a parte do conflito que sofreu as baixas.

*"Transport has been paralysed in recent days as drivers queue at petrol stations for hours, even days. At least one person has been killed in a fuel-related fight." (AL JAZEERA, 2013b).*

*"Three people were killed and at least 50 wounded in Alexandria, state news agency MENA reported; a woman stabbed in the stomach, and two men killed by birdshot." (AL JAZEERA, 2013j).*

*"In the Giza governorate, one person was killed and 72 were wounded, and another 14 Egyptians were injured in the southern tourist city of Luxor." (AL JAZEERA, 2013i).*

Assim, conforme afirma Fairclough (2003), sentenças na voz passiva e que não possuem agentes representam uma omissão em relação ao autor e a causalidade do ato. No caso dos protestos analisados, ao não identificar quem assassinou os manifestantes, a Al Jazeera silencia uma das partes do conflito.

Por fim, em suas notícias em relação aos protestos contrários a Mubarak, foram consultados e mencionados tanto membros do governo como opositores:

*“Yet Mubarak gave another speech showing no intention of resigning.” (MAZIAD, 2011)*

*“Suleiman said there will be “no ending of the regime” and no immediate departure for Mubarak.” (AL JAZEERA, 2011b)*

*“The army’s statement was met with a roar of approval from protesters in Tahrir Square.” (AL JAZEERA, 2011a).*

*“The government uses the Brotherhood as a tool to scare people,” Abbas, one of the two Brotherhood representatives on the coalition, told us.” (AL JAZEERA, 2011d).*

*“Ahmed Douma, a 22-year-old coalition representative for the Justice and Freedom party, echoed Ezz’s statement.” (AL JAZEERA, 2011d).*

O mesmo ocorreu durante as manifestações que pediam a deposição de Morsi, de modo que todas as partes do imbróglho foram entrevistadas e citadas pela rede:

*“Gehad el-Haddad, a senior adviser to the Freedom and Justice Party of Morsi’s Muslim Brotherhood, said the military was trying to paper over its own poor performance during the transitional period after Mubarak’s ouster.” (AL JAZEERA, 2013d).*

*“‘They are insulting dignity and religion, making fun,’ said the protester, Emad Abdel Mahmoud.” (AL JAZEERA, 2013b).*

*“‘He had a chance,’ said Mohamed Aboul Ghar, the founder of the Social Democratic Party.” (AL JAZEERA, 2013b).*

*“The Egyptian president, Mohamed Morsi, has said he will not step down as demanded by millions of protesters.” (AL JAZEERA, 2013f).*

Por conseguinte, mesmo com seu já mencionado viés, é possível afirmar que em ambos os eventos a Al Jazeera seguiu o seu slogan de “A opinião e a outra opinião” para dar voz mesmo a grupos com posições dissonantes à da rede. Contudo, deve-se ter em vista que a

rede deu um destaque muito maior aos aliados de seu país sede, repetindo exaustivamente situações favoráveis a esses. Ademais, apesar de mencionar de fato falas de indivíduos contrários ao seu posicionamento, essas vieram sempre acompanhadas de uma seleção lexical bastante negativa, afetando portanto a percepção do leitor em relação ao tema.

Por fim, um último ponto que deve ser citado é a repetição constante de todos os pontos analisados pela ACD nas notícias da rede em ambos os períodos. Nesse sentido, a fim de não tornar a análise extremamente longa, optou-se por citar apenas alguns trechos de notícias. Contudo, a forma de seletividade lexical, de estratégia de rotulação e de estrutura das sentenças se manteve constante em todas as matérias analisadas. Mais do que isso, alguns termos e eventos foram citados de forma repetitiva e exaustiva pela Al Jazeera, visando com isso a reforçar a mensagem da rede no pensamento do leitor.

Assim, apesar de se declarar independente e autônoma, pôde-se perceber que a Al Jazeera é bastante influenciada pela política do Qatar. Nesse sentido, durante o período analisado o governo qatari exerceu diretamente sua influência na rede tal qual o fez em situações como o conflito com a Arábia Saudita e o apoio ao Hamas. Isto é, como os protestos no Egito interessavam em um primeiro momento ao governo qatari, esse utilizou a Al Jazeera para apoiar os manifestantes e estimular a queda de Mubarak. Todavia, a partir do momento que a Irmandade Muçulmana - grupo aliado ao Qatar - chegou ao poder, os protestos passaram a ir de encontro aos interesses qataris, de modo que o país utilizou novamente a rede para deslegitimar as manifestações no Egito.

Portanto, com essa análise de discurso pôde-se demonstrar empiricamente como a influência do Qatar se refletiu nas notícias da Al Jazeera, já que a rede adaptou sua seleção lexical, estratégia de rotulação e estrutura de sentenças a fim de alinhar-se com os interesses de seu país sede.

## **Conclusão**

Ao longo dessa monografia, desenvolveu-se o argumento de que a instrumentalização da Al Jazeera pelo Qatar se reflete diretamente nas notícias da rede, as quais estão sempre alinhadas aos interesses de política externa daquele país. Assim, na primeira seção foi apresentado o marco teórico da Análise Crítica de Discurso, metodologia essa fundamental para entender as intenções veladas das notícias da Al Jazeera. Em seguida, foi evidenciada a dependência da rede em relação ao seu país sede, o que proporciona ao Qatar uma capacidade

de intervenção direta no funcionamento da Al Jazeera. Ademais, nessa mesma seção enfocou-se também em como a rede se insere na política externa qatari, apresentando para isso exemplos claros em que a Al Jazeera serviu aos interesses de seu país sede.

Por fim, na terceira seção foi aplicada a Análise Crítica de Discurso às notícias da deposição de Mubarak (2011) e Morsi (2013), constatando conseqüentemente que a Al Jazeera possui de fato suas notícias em total consonância com os interesses qataris, comprovando assim a hipótese colocada. Assim, por meio da ACD pôde-se perceber que em um primeiro momento a Al Jazeera apoiou incondicionalmente os protestos no Egito, principalmente quando contrários ao regime de Mubarak. Contudo, a partir do momento que Morsi, tido como aliado estratégico do Qatar, chegou ao poder, a rede adotou uma posição bastante oposta, criticando veemente os movimentos de contestação àquele presidente. Com isso, é possível responder a pergunta de pesquisa afirmando que a capacidade de influência do Qatar na Al Jazeera faz com que a rede adeque a seletividade lexical, a estratégia de rotulação e a estruturas das sentenças de suas notícias a fim de se alinhar aos interesses de política externa de seu país sede e disseminar os interesses qataris mundialmente.

## Referências bibliográficas

AL JAZEERA. Hosni Mubarak 'may step down'. *Al Jazeera English*, Doha, 10 de fevereiro de 2011a. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/02/20112101653445426.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

AL JAZEERA. Workers boost Egypt protests. *Al Jazeera English*, Doha, 10 de fevereiro de 2011b. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/02/20112913546831171.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

AL JAZEERA. Egyptian army 'torturing' prisoners. *Al Jazeera English*, Doha, 10 de fevereiro de 2011c. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/02/2011210135310479662.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

AL JAZEERA. The youth of Tahrir Square. *Al Jazeera English*, Doha, 10 de fevereiro de 2011d. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/features/2011/02/201129214957928702.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015

AL JAZEERA. Hosni Mubarak resigns as president. *Al Jazeera English*, Doha, 11 de fevereiro de 2011e. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/02/201121125158705862.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

AL JAZEERA. Defiant Mubarak refuses to resign. *Al Jazeera English*, Doha, 11 de fevereiro de 2011f. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/02/2011210172519776830.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

AL JAZEERA. Triumph as Mubarak quits. *Al Jazeera English*, Doha, 11 de fevereiro de 2011g. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/02/2011211164636605699.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

AL JAZEERA. Post-Mubarak era dawns on Egypt. *Al Jazeera English*, Doha, 12 de fevereiro de 2011h. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/02/201121253441731292.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

AL JAZEERA. The armed forces ultimatum and the future of Egypt. *Al Jazeera English*, Doha, 02 de julho de 2013a. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2013/07/201372143550404912.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

AL JAZEERA. Morsi supporters call out 'thugs'. *Al Jazeera English*, Doha, 02 de julho de 2013b. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/features/2013/06/2013630903253461.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

AL JAZEERA. International pressure mounts on Morsi. *Al Jazeera English*, Doha, 02 de julho de 2013c. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2013/07/2013726308662568.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

AL JAZEERA. What next for Egypt? *Al Jazeera English*, Doha, 02 de julho de 2013d. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2013/07/20137201151207804.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

AL JAZEERA. Egyptian army issues 48-hour ultimatum. *Al Jazeera English*, Doha, 02 de julho de 2013e. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2013/07/201371231726346358.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

AL JAZEERA. Egypt's Morsi says he will not step down. *Al Jazeera English*, Doha, 02 de julho de 2013f. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2013/07/20137222343142718.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

AL JAZEERA. Morsi's struggle for 'legitimacy'. *Al Jazeera English*, Doha, 03 de julho de 2013g. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/features/2013/07/201373103545206225.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

AL JAZEERA. Egypt's Morsi offers consensus government. *Al Jazeera English*, Doha, 03 de julho de 2013h. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2013/07/20137394753443155.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

AL JAZEERA. Fears of bloodshed loom large in Egypt. *Al Jazeera English*, Doha, 03 de julho de 2013i. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/features/2013/07/201373104310728444.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

AL JAZEERA. President Morsi overthrown in Egypt. *Al Jazeera English*, Doha, 04 de julho de 2013j. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2013/07/20137319828176718.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

AL JAZEERA. Egypt army cracks down on Muslim Brotherhood. *Al Jazeera English*, Doha, 04 de julho de 2013k. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2013/07/201374152811166923.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

AL JAZEERA. Despondent scenes at pro-Morsi rally. *Al Jazeera English*, Doha, 04 de julho de 2013l. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2013/07/20137412240752156.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

BASKAN, B.; WRIGHT, S. Seeds of Change: Comparing State-Religion Relations in Qatar And Saudi Arabia. In: *Arab Studies Quarterly*, v. 33, n. 2, p. 96-111, spring 2011.

BAHRY, Louay. Elections in Qatar: a Window of Democracy Opens in the Gulf. In: *Middle East Policy*, v. 6, n. 4, June 1999.

BESSAISO, Ehab. Al Jazeera and the War in Afghanistan: A Delivery System or a Mouthpiece? In: *The Al Jazeera Phenomenon: Critical Perspectives on New Arab Media*, Pluto Press, 2005.

BISHARA, M. To Mohammad El-Sayed Said. *Al Jazeera English*, Doha, 12 de fevereiro de 2011. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/02/2011212152337359115.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015

BLACHARD, C. M. Qatar: Background and U.S. Relations. In: *CRS Report Prepared for Members and Committees of Congress*, 2014.



CHASMAR, Jessica. 'We aired lies': Al-Jazeera staff quit over biased Egypt coverage. *The Washington Times*, Washington, 9 de julho de 2013. Disponível em: <<http://www.washingtontimes.com/news/2013/jul/9/we-aired-lies-al-jazeera-staff-quit-over-biased-eg>>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

DA LAGE, Olivier. The Politics of AL Jazeera or the Diplomacy of Doha. In: *The Al Jazeera Phenomenon: Critical Perspectives on New Arab Media*, Pluto Press, 2005.

DONATH, C. It's not just Morsi, it's the entire political class. *Al Jazeera English*, Doha, 03 de julho de 2013. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2013/07/2013729734119335.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

EL-NAWAWY, M.; POWERS, S. Al-Jazeera English: A conciliatory medium in a conflict-driven environment? In: *Global Media and Communication*, v. 6, n.1, pp. 61-84, April 2010.

EL OIFI, Mohammed. Influence without Power: Al Jazeera and the Arab Public Sphere. In: *The Al Jazeera Phenomenon: Critical Perspectives on New Arab Media*, Pluto Press, 2005.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: Textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FIGENSCHOU, Tina U. *Al Jazeera and the Global Media Landscape: The South is Talking Back*. New York: Routledge, 2014.

HADDAD, B., BSHEER, R., ABU-RISH, Z. Introduction. In: HADDAD, B., BSHEER, R., ABU-RISH, Z. (ed.). *The Dawn of the Arab Uprisings: End of an Old Order?* London: Pluto press, 2012.

HUDSON, Michael. Awakening, Cataclysm, or Just a Series of Events? Reflections on the Current Wave of Protest in the Arab World. In: HADDAD, B., BSHEER, R., ABU-RISH, Z. (ed.). *The Dawn of the Arab Uprisings: End of an Old Order?* London: Pluto press, 2012.

HUWEIDI, Amira. Does the resignation of Al Jazeera Director-General signal a change in state policies? *Middle East Monitor*, 26. Sept. 2011. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/articles/middle-east/2858-does-the-resignation-of-al-jazeera-director-general-signal-a-change-in-state-policies>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2013.

KAMRAVA, M. Royal Factionalism and Political Liberalization in Qatar. In: *Middle East Journal*, v. 63, n. 3, pp. 401-420, summer 2009.

\_\_\_\_\_. Mediation and Qatari Foreign Policy. In: *Middle East Journal*, v. 65, n. 4, Autumn 2011

\_\_\_\_\_. The Rise and Fall of Ruling Bargains in the Middle East. In: KAMRAVA, M. (ed.). *Beyond the Arab Spring The Evolving Ruling Bargain in the Middle East*, Oxford: Oxford University Press, 2014.

KESSLER, Oren. The Two Faces of Al Jazeera. In: *Middle East Quarterly*, v. 19, n. 1, pp. 47-56, winter 2012.

KHALIDI, Rashid. Preliminary Historical Observations on the Arab Revolutions of 2011. In: HADDAD, B., BSHEER, R., ABU-RISH, Z. (ed.). *The Dawn of the Arab Uprisings: End of an Old Order?* London: Pluto press, 2012.

KHATIB, Lina. Qatar's foreign policy: the limits of pragmatism. In: *International Affairs*, v. 89, n. 2, pp. 417-431, March 2013.

LAHLALI, Mustapha El. *Contemporary Arab Broadcast Media*. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd, 2011.

LAMBERT, Jennifer. Political Reform in Qatar: Participation, Legitimacy and Security. In: *Middle East Policy*, v. 18, n.1, Spring 2011.

LYNCH, Marc. *The Arab Uprising: The Unfinished Revolutions of the New Middle East*. New York: Public Affairs, 2012.

LO, M.; FRKOBICH, A. Challenging Authority in Cyberspace: Evaluating Al Jazeera Arabic Writers. In: *Journal of Religion and Popular Culture*, v.25, n.3, fall 2013.

MAZIAD, M. Egypt: An idea whose time has come. *Al Jazeera English*, Doha, 11 de fevereiro de 2011. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2011/02/20112714401412146.html>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

NYE, Joseph. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. New York: PublicAffairs, 2004.

PETERSON, J. E. Qatar and the World: Branding for a Micro-State. In: *Middle East Journal*, v. 60, n. 4, pp. 732-748, autumn 2006.

POWERS, S.; GILBOA, E., The Public Diplomacy of Al Jazeera. In: SEIB, P. (org.), *New Media and the New Middle East*. New York: Palgrave Macmillan, 2007

QURESHI, Yasmin. *Gulf Cooperation Council*. Carachi: Pakistan Institute of International Affairs, 1982.

RABI, Uzi. Qatar's Relations with Israel: Challenging Arab and Gulf Norms. In: *Middle East Journal*, v. 63, n. 3, p. 443-459, summer 2009.

RATHMELL, A., SCHULZE, K. Political Reform in the Gulf: The Case of Qatar. In: *Middle Eastern Studies*, v. 36, n. 4, p. 47-62, October, 2000.

RIAD, Mohamed. Geopolitics and Politics in the Arab Gulf States (GCC). In: *GeoJournal*, v. 13, n. 3, p. 201-210, out. 1986.

ROBERTS, D. The Arab world's unlikely leader: Embracing Qatar's expanding role in the region, In: *POMED website*, 13 March 2012.

RUSSEL, Lucas. The Persian Gulf Monarchies and the Arab Spring. In: KAMRAVA, M (ed.). *Beyond the Arab Spring: The Evolving Ruling Bargain in the Middle East*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

SAKR, Naomi. Women, Development and Al Jazeera: A Balance Sheet. In: *The Al Jazeera Phenomenon: Critical Perspectives on New Arab Media*, Pluto Press, 2005.

SAMUEL-AZRAN, Tal. Al-Jazeera, Qatar, and New Tactics in State-Sponsored Media Diplomacy. In: *American Behavioral Scientist*, v. 57, n. 9, pp. 1293-1311, September 2013.

SHARP, J. The Al-Jazeera news network: Opportunity or challenge for U.S. foreign policy in the Middle East? In: *CRS Report for Congress: Middle East Policy Analyst*, 2003.

TOUZANI, Fouad. The role of Al-Jazeera in empowering Arab civil society. In: *CEU Political Science Journal*, v. 5, n. 2, pp. 255-79, 2010.

STEINBERG, Guido. Qatar and the Arab Spring Support for Islamists and New Anti-Syrian Policy. In: *SWP Comments* v. 7, February 2012.

ZAYANI, Mohamed. Introduction—Al Jazeera and the Vicissitudes of the New Arab Mediascape. In: *The Al Jazeera Phenomenon: Critical Perspectives on New Arab Media*, Pluto Press, 2005a.

ZAYANI, Mohamed. Witnessing the Intifada: Al Jazeera's Coverage of the Palestinian–Israeli Conflict. In: *The Al Jazeera Phenomenon: Critical Perspectives on New Arab Media*, Pluto Press, 2005b.